

“Povo sem tradição morre a cada geração”:

Márcia Bortoli Uliana*

Este artigo¹ visa discutir aspectos ligados às tradições gaúchas e os significados da ênfase dada à necessidade de “continuidade” em torno dela. Para tanto, problematizam-se como alguns integrantes e ex-integrantes do Sepé Tiaraju e o jornal local, o *Folha Bragadense* posicionam-se diante disto ressaltando a importância do “cultivo” das tradições gaúchas através do enfoque às crianças e adolescentes. Neste sentido observa-se o destaque à retomada da Invernada Artística² e a publicidade da chula.

O CTG Sepé Tiaraju é encarado por alguns depoentes como um ambiente harmonioso, no qual há respeito, hospitalidade, preservação de determinados valores morais, etc., consistindo assim, em ambiente saudável, recomendado à participação de toda família. Conforme Elpídio Dall Agnol, ex-patrão e ex-integrante do CTG,

Em primeiro lugar, vai quem gosta, quem não gosta não vai. São dois pontos. Se você conhece, você acaba gostando (...) Você tem dentro do sangue (...) se você viveu isto, você vive isto (...) você gosta de fazer (...) Existem os valores familiares. Tanto é que (...) em um baile de CTG vai a família toda, não importa o tamanho, a idade da criança e jamais houve proibição por parte judicial (...), nos CTGs. Nesta razão de ser um ambiente familiar aonde os pais acompanham sempre os filhos, a própria educação e a própria formação (...) Não se vê, não se vê maldade, não se vê droga, não se vê envolvimento com bebidas e não se vê nenhum envolvimento de pessoas com má índole ou com vontade de fazer algo que não esteja dentro dos padrões da sociedade, mesmo porque os próprios estatutos regem isto e, você acaba fazendo o quê? (...) Eliminando, tirando determinadas pessoas que façam isto.³

Na entrevista vários pontos são destacados por Elpídio Dall Agnol, como seu apego especial ao tradicionalismo gaúcho como algo que está presente em sua trajetória de vida, por ele o ter vivenciado no Rio Grande do Sul e não o ter abandonado ao migrar para o Paraná. Considera de suma importância o tradicionalismo gaúcho, pois é algo que lhe marcou e lhe traz lembranças. Em especial, ao modo como viveu a tradição no Rio Grande do Sul, considerando-a enquanto algo “vivo” presente na sua trajetória de vida, inclusive, no seu sangue. Afirma então que a viveu no Rio Grande do Sul e a vive no Paraná. Por isso a aprecia ou demonstra o gosto e o apego por ela relacionadas ao “pago” deixado e vividas agora em outra “querência”.

Observam-se fortes vínculos com seu “local de origem”, no caso em relação ao Rio Grande do Sul ou a elementos que lembram aquele espaço. Elpidio Dall Agnol aponta ainda valores importantes que são ressaltados e, na medida do possível, preservados pelo CTG. O CTG é visto como um lugar de convívio harmônico, sem conflitos (se houverem, são eliminados), como um ambiente saudável e seguro. Um espaço à parte da sociedade distante de aspectos considerados “ruins”.

Considera o CTG como “saudável”, onde se tem uma maior segurança em relação a problemas presentes na sociedade em geral, é um ambiente em que os filhos podem ser educados, segundo os ditames tradicionalistas, para comportar-se de acordo com uma boa índole ou até mesmo para que os filhos estejam à vista de seus pais. O CTG assim funcionaria como um lugar de disciplinarização, mantendo seus membros distantes de “incidentes ruins”, valorizando a instituição familiar.

Você tem um ambiente saudável e você sabe que por ter as famílias dificilmente o filho vai aprontar na frente do pai, é difícil isto. Então você tem uma segurança em termos de (...) voltar são e salvo, sem incidentes, sem brigas sem outras coisas que possam te tirar o brilho então, te tiram o prazer de você tar entre amigos (...) Perder um filho ou coisa parecida, é difícil acontecer essas coisas.⁴

Uma perspectiva similar, porém particular, é ressaltada por Luiz Grando, sócio e ex-patrão do CTG, o qual também considera como um espaço diferente dos demais, em virtude do respeito, da segurança, por cultivar valores de seus antepassados, que em muito se perderam na sociedade atual. Afirma que há menos chance de acontecer “coisas ruins” com quem está ali inserido, citando, como exemplos, a gravidez na juventude e o envolvimento com drogas:

investimentos no tradicionalismo gaúcho através de práticas educativas no CTG Sepé Tiaraju de Pato Bragado

Pra mim, o movimento representa muito porque dentro do CTG se encontra pessoas que têm um comportamento diferenciado do que a maioria das outras sociedades. No CTG preservamos os costumes de antigamente (...) tem mais respeito, o comportamento é diferente, talvez esse seja o atrativo principal, eu me sentir atraído pelo movimento gaúcho (...) [É importante] estimular o filho a participar do CTG porque lá ele está num lugar mais seguro (...) Correndo menos riscos de muita coisa ruim que acontece lá fora. Dificilmente vai ter droga no CTG e, dificilmente aparece uma menina grávida de quem participa do CTG. Então, eu acho que se todos os pais tivessem o conhecimento e incentivassem os filhos a participar (...) muitas coisas que acontecem hoje na juventude poderiam ser evitadas.⁵

Percebeu-se nas palavras de alguns entrevistados a idealização de um passado, na medida em que não se menciona quaisquer conflitos ou problemas. Ressalta-se um ambiente “conservador”, pautado em determinados “valores e padrões” essenciais àqueles que freqüentam o CTG e, por conseguinte, a serem seguidos dentro daquela entidade.

Para alguns integrantes e ex-integrantes do CTG entrevistados, o mesmo é um espaço diferenciado dos demais, um ambiente familiar, seguro e fraterno, onde os jovens estariam resguardados dos “perigos” presentes fora do ambiente tradicionalista, como as drogas, brigas, bebedeiras etc. Tais discursos ressaltam os aspectos positivos que o CTG teria junto às pessoas que possuem filhos nesta faixa etária, chamando a atenção dos pais para determinados valores que são ali ressaltados.

Visa-se educar o jovem segundo determinados requisitos exigidos. Por exemplo, em caso de promoções do CTG, deve-se andar pilchado⁶ (investindo-se na necessidade de se orgulhar disso), não se deve negar dança a ninguém, mas sim ser educado, hospitaleiro, respeitar o próximo, ter um bom relacionamento e uma boa convivência com as pessoas. Ou seja, deve-se ter uma determinada postura a ser seguida naquela casa gaúcha. Se possível, espera-se que a criança ou o jovem se porte deste modo quando este não estiver naquele ambiente, adotando tais práticas em seu dia-a-dia, como algo que possibilite a formação da criança ou daquele jovem que integra o CTG.

A valorização destes elementos também foram perceptíveis na fala de um adolescente muito ligado ao CTG, através da Invernada Artística. Para Eduardo Henrique Wolff, 15 anos, que atualmente integra a Invernada Artística, na categoria juvenil até 17 anos:⁷

A coisa que mais marca o tradicionalismo é esse respeito que tem entre os peões e prendas. A harmonia que tem entre eles cada um (...) se comporta lá dentro, sabe o que pode e o que não pode fazer (...) a educação que as pessoas têm. Então o tradicionalismo é uma coisa bonita que acho que todo mundo tinha que ter pelo menos um pouco no coração (...) então se alguém tiver no mínimo um pouquinho de tradicionalismo no coração seria um lugar tão bonito de se viver todo mundo saberia respeitar um ao outro uma educação comum ao próximo (...) O carisma que teria, a hospitalidade (...).⁸

Ou seja, se percebe a apropriação destes valores, em sua fala. Ao afirmar que o tradicionalismo gaúcho deveria estar presente no coração das pessoas, Eduardo Henrique Wolff incorpora o lema adotado pelo Sepé Tiaraju (“a tradição continua viva no coração de cada gaúcho”). Para ele o tradicionalismo gaúcho é parte integrante da pessoa, assim, cada indivíduo seria capaz de ser um tradicionalista, estabelecer uma convivência agradável e harmoniosa, possibilitando um melhor relacionamento entre as pessoas que o consideram significativo, pode-se ainda manter a tradição gaúcha “viva”, através de tais práticas.

Outra questão interessante que Eduardo Henrique Wolff destaca está relacionada à postura assumida pelos indivíduos que fazem parte do CTG. No caso, este depoente possui consciência da existência de regras que devem ser respeitadas e, por conseguinte, seguidas. São normas de conduta ou de comportamento que, assimiladas pelas pessoas, preservam o ambiente agradável e seguro proposto pelos CTGs. No caso, “esse respeito entre peões e prendas”, ressaltado em sua fala, exemplifica, por um lado, o cavalheirismo e gentilezas, por outro, a amabilidade e a simpatia. Em outras palavras, ressalta-se uma educação também a nível de relacionamento homem x mulher, com a valorização de um determinado modelo de família.

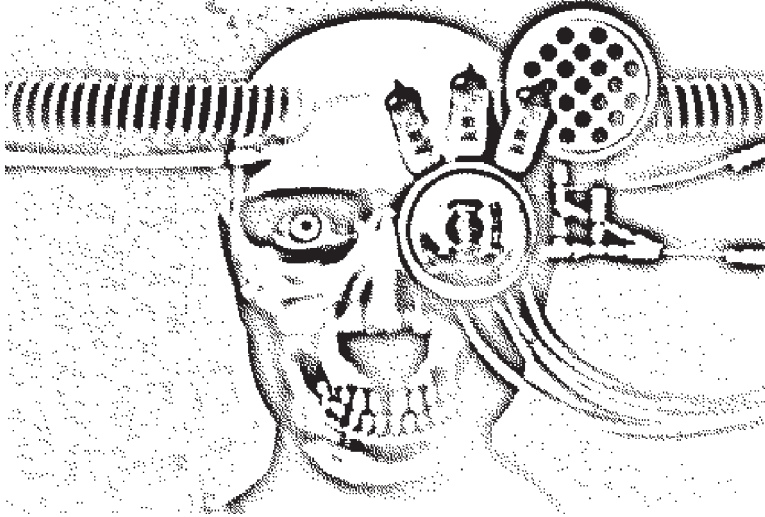
Apesar do CTG ser reconhecido como um espaço harmonioso, este não está isento de conflitos ou contradições. O mesmo depoente afirma que *“Minha vivência com eles é praticamente a melhor possível. Tem alguns conflitos, mas é normal (...) Mas na hora a gente conversava (...) e, sempre acabava se resolvendo, sem problema nenhum”*.⁹ Assim, mesmo que faça referência a conflitos ou a problemas, há logo preocupações em minimizar tais fatos, pois são resolvidos rapidamente. Resolver diferenças no CTG para Eduardo Henrique Wolff dá-se de maneira tranqüila, sem maiores preocupações ou transtornos. O posicionamento deste adolescente é importante na medida em que destaca elementos não percebidos nas falas dos tradicionalistas adultos. Os conflitos, por exemplo, para ele são resolvidos no ato ou pela conversa, diferentemente dos adultos que em virtude de inúmeras divergências chegam a ponto de abandonar o próprio CTG.

O que me chamou a atenção ao entrevistar Eduardo Henrique Wolff foi como este destacou o porquê de seu ingresso no CTG e a sua permanência. Entre os motivos há o prestígio alcançado por ele, por intermédio de cargos de destaque e de premiações e reconhecimento em eventos tradicionalistas. Eduardo Henrique Wolff revela que um dos motivos que o levou ao CTG e o mantém no mesmo é o gosto pela dança e o reconhecimento proporcionado. No caso, foi primeiro peão biriva do CTG e também terceiro colocado pela 12^o Região Tradicionalista. De acordo com este, participar do Sepé Tiaraju é

Só alegria (...) porque é gratificante, por exemplo, num rodeio, nós dança (...) Fazer aquilo que nós gostamos e, no final sabê que fomos escolhidos com primeiro ou terceiro lugar, não importa no que foi que o CTG de vocês tá levando pra casa, uma vitória que tá sendo reconhecido cada vez mais pelos lugares afora. Então acho que essa é a única recompensa e alegria que a gente tem de continuar participando (...).¹⁰

Vê o CTG como uma forma de ganhar prestígio ou destaque através desta “alegria” em representá-lo ou em conquistar títulos em eventos tradicionalistas, também mencionada por Márcia C. Hosda. Hoje afastada do CTG, entrou no Sepé Tiaraju por intermédio de um convite para concorrer à primeira prenda, também por empolgação ou achar bonito “aquelas mulheres todas trajadas”. Permaneceu no mesmo por dois anos, sendo eleita primeira prenda do CTG e da 12^o Região Tradicionalista: *“(...) tinha bastante gente que assim (...) se empolgô e começou a freqüentá (...) Mas ela [Invernada Adulta] foi (...) se desfazendo, porque a maioria do pessoal começou a se formar, começou a sair da cidade, começou a ir embora. (...) Foi 2000, 2001 os dois anos inteirinhos. Eu fiquei prenda aqui (...) do CTG Sepé Tiaraju, daí em 2001 eu fiquei 1^o prenda da Região”*. Em relação à convivência *“aqui no nosso CTG a gente tem um convívio muito bom entre todos os participantes (...). Então assim, adorei. Não tem nenhum momento ruim que eu possa destacar, mas momentos bons são muitos.”*¹¹

Para este adolescente e esta jovem, o tradicionalismo gaúcho é percebido como um espaço agradável, um ambiente particular para os jovens, sobretudo um espaço de divertimento ou de convivência com os amigos. Os integrantes da Invernada Artística, possuem visões peculiares, para estes, o CTG foi palco de aprendizagens, de prestígio em virtude dos cargos de destaque alcançados por ambos, mas, em especial, de alegrias compartilhadas. As questões que prezam e destacam em seus depoimentos são relevantes e



significativas a suas “experiências juvenis”, pois fazem questão de destacar somente aspectos referentes a isto ou elementos positivos em seus depoimentos.

O tradicionalismo gaúcho é, portanto, interpretado de maneira particular por cada tradicionalista entrevistado. A memória é entendida com um processo dinâmico, não é um produto acabado, é fruto de um processo vivido, que permite elaborações. Além de estar sujeita a transformações, a memória é construída a partir de preceitos particulares, contraditórios ou semelhantes, que revelam o seu caráter peculiar. Deste modo, diferentes memórias podem coexistir de diversas formas. Alessandro Portelli afirma que a memória pode ser comparada às impressões digitais ou às vozes. Não são iguais e variam de pessoa para pessoa. Conforme este autor:

Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem (...), torna-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social e dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas.¹²

Sob esta perspectiva, outro aspecto pode ser ressaltado neste momento em relação a concepções diferentes sobre o que representa ou o que significa o tradicionalismo gaúcho para cada depoente. Os tradicionalistas com mais tempo de vivência no CTG o identificam através de uma visão que se contrasta com a perspectiva declarada, por exemplo, por “jovens tradicionalistas”. Ao mesmo tempo em que o CTG é encarado como um ambiente familiar, harmonioso, de valores distintos diante de outras entidades ou enquanto um ambiente adequado e indicado à participação de crianças e adolescentes, para os mais velhos, pode ser percebido como um espaço de lazer e diversão para os jovens.

Neste contexto, merece destaque o posicionamento do ex-patrão do CTG, Laércio Canabarro, ao afirmar que *“(...) o município possui fortes tradições gaúchas. ‘A tradição mantém vivo um povo’. Um povo sem tradição se acaba.”*¹³ Ao conceder um depoimento ao jornal *O Presente*, em função da Semana Farroupilha,¹⁴ a ser realizada no município, este aponta que:

Em Pato Bragado, a partir de uma parceria com a administração municipal, através do departamento de Educação e Cultura, são desenvolvidos no CTG Sepé Tiaraju aulas de diversas danças tradicionalistas. Temos um CTG que é destaque a nível de Paraná e de Brasil e, chegamos nesse posto porque recebemos apoio e incentivo. A administração paga o professor de dança e um gaiteiro [Telles pai e filho] para que 130 crianças aprendam a cultuar as tradições gaúchas, independente se é filho de sócio do CTG ou não. A partir desse apoio podemos manter viva as tradições gaúchas e incentivar as crianças a aprender uma dança, ao invés de ficar em casa, muitas vezes, sem fazer nada. Aprender a dança é aprender uma cultura.¹⁵

Há investimentos do CTG na educação das crianças e adolescentes, não somente como forma de discipliná-las, dando-lhes uma ocupação, mas inculcando nestes os “valores” do CTG. Por exemplo, nesta questão de dar “continuidade” à tradição, ressalto o incentivo dado a crianças e jovens, principalmente, através da retomada da Invernada Artística, como tentativa de “manutenção” do tradicionalismo gaúcho no município, incentivando desde cedo as crianças. A participação também é vista como uma alternativa proposta para afastar a criança e o jovem de situações consideradas ruins, como as drogas e a “vadiagem”. Tal projeto busca legitimidade ao afirmar que a tradição que cultua não é “qualquer uma”, mas a gaúcha, procurando ligar os habitantes do município a um passado gaúcho, lembrando as “origens gaúchas” de muitos dos migrantes que se fixaram no município.

O projeto de incentivar tal participação busca legitimidade não só pelo discurso de necessidade de “cultuar” a tradição, difundindo-se a idéia de que “*povo sem tradição morre a cada geração*”¹⁶, mas também de uma ocupação “saúdável” às crianças. Esta última justificativa encontra ressonância no mundo capitalista em que vivemos, que valoriza a atividade produtiva e combate o ócio.

Desta maneira a retomada da Invernada Artística, em 2000, teve como principal objetivo atender crianças e adolescentes quanto a sua participação e integração ao Sepé Tiaraju. A iniciativa partiu do CTG Sepé Tiaraju, mas teve apoio e incentivo do poder público municipal bragadense, sobretudo, daquelas pessoas ligadas ao CTG e à prefeitura municipal simultaneamente. Além do mais, ter um prefeito (Luiz Grando) que apreciava a tradição gaúcha, além de outras pessoas que estão atuando naquele espaço, a exemplo de Laércio Canabarro, secretário de finanças (ex-patrão do CTG) e Flávio Prigol, diretor do Departamento de Educação e Cultura (atual patrão do CTG), dentre outros, era algo “vantajoso” ou tem claras influências para o desenvolvimento do tradicionalismo gaúcho em Pato Bragado. Este apoio do poder público municipal fez com que se estimulasse a participação de crianças e adolescentes do município a participar do Sepé Tiaraju e, ao mesmo tempo, se divulgasse a cidade através do CTG.

O jornal *Folha Bragadense* ressalta a importância das tradições gaúchas, por intermédio da dança apresentada pela Invernada Artística, garantindo representatividade à cidade e ao CTG, pois “(...) no sapateado dos peões e no sarandeio das prendas, a população de Pato Bragado está resgatando a cultura gauchesca e divulgando o município por todo o Brasil (...) além de elevar ainda mais o nome do CTG Sepé Tiaraju”.¹⁷ Neste sentido, o periódico local destina, naquela edição, uma página especial à Invernada Artística e aos irmãos Telles de Almeida, ao mesmo tempo em que aborda o potencial dos grupos de dança existentes no município.

Desta maneira, a retomada da Invernada Artística do Sepé Tiaraju, no ano de 2000, é considerada como algo relevante em virtude da presença e da participação da juventude bragadense. De acordo com o *Folha Bragadense*, “o objetivo do Centro [CTG] é preservar a tradição gaúcha e que a juventude continue a cultivar as raízes do Rio Grande do Sul”. Ao destacar a importância concedida à tradição gaúcha, através da dança, enfatiza também a “continuação” de seu cultivo através dos jovens integrantes do CTG. Observa-se que as tradições gaúchas seriam “preservadas” através da participação na Invernada Artística do Sepé Tiaraju e a partir disso continuariam a cultivar as “raízes” sul-rio-grandenses. Cabe lembrar que a tradição é encarada por este enquanto algo imóvel, transmitida sem quaisquer transformações através do tempo ou dos interesses presentes.¹⁸ Deste modo, a perspectiva de tradição enquanto algo imutável, que deve ser preservado como “continuidade” é ressaltada ao investir-se para que, por exemplo, a dança se mantenha. Nisto tal “continuidade” pode ser questionada, à medida em que existem constantes incentivos e investimentos em práticas educativas.

Juntamente com tal matéria de capa daquele periódico uma foto referenciava ensaios da Invernada Artística e apresentava a seguinte legenda: “*professor Marcelo e seu pai na gaita, ensinando a dança e incentivando a juventude a manter acesa a chama da tradição gaúcha*”¹⁹. Observou-se através da organização da Invernada Artística, o ensinamento e o incentivo ao jovem e à preservação da tradição gaúcha, por meio da dança, mantendo-a acesa não permitindo que esta se apagasse. Também é apresentado pelo jornal como algo significativo a presença do instrutor de dança Marcelo Telles de Almeida, 15 anos, considerado como “(...) o jovem chuleador e campeão nacional com mais de 70 títulos”²⁰.

Marcelo Telles de Almeida, assim como seu irmão José Eduardo Telles de Almeida possuem espaço garantido nas páginas do *Folha Bragadense*. No ano de 2003, tal periódico publica matéria intitulada “Família Telles e a Invernada Artística”, abordando algumas questões que merecem atenção especial, a exemplo de sua trajetória e as inúmeras premiações obtidas ao longo de sua infância.

Marcelo Telles de Almeida (...) o jovem chuleador de 18 anos (...) nasceu em 28 de março de 1985 (...) cresceu ao som da música tradicional gaúcha através de seu pai, Pedro Telles de Almeida, arcodionista do CTG de Pato Bragado. Aos cinco anos, o atual fenômeno da chula (...) e o maior chuleador da América do Sul (...) já acompanhava seu pai, o que despertou um grande interesse pelas danças. Aos sete anos entrou para a Invernada Artística do Sepé Tiaraju e aos nove conquistou seu primeiro troféu em Foz do Iguaçu, cidade em que participou do Rodeio Interestadual no CTG Charrua. Com onze já começou a dar aulas de chula e de danças tradicionais em Entre Rios do Oeste e um ano depois em Quatro Pontes (...) Atualmente é instrutor de Danças Tradicionais e Gauchescas, Danças de Salão em Pato Bragado e em Missal (...) O irmão e também chuleador José Eduardo Telles de Almeida segue o exemplo da família e aos 10 anos é considerado na categoria mirim o bicampeão nacional, campeão internacional do Rodeio de Vacaria e tricampeão Estadual.²¹ (sem grifos no original).

É interessante notar como o periódico constrói a trajetória destes ressaltando a pouca idade, por um lado, e o enorme talento, de outro. Faz-se uma espécie de paralelo entre a idade e as premiações. Estas dentre outras premiações alcançadas garantem aos *fenômenos da chula*²², reconhecimento não somente pessoal, mas também representatividade ao CTG que integram e ao município em que residem. Há uma importante representatividade que é atribuída a eles, principalmente ao participarem de eventos em outros municípios e regiões. A exemplo de sua participação no 24º Rodeio Internacional de Vacaria – RS, no ano de 2002, segundo o periódico local, “*José Eduardo compete na categoria Piaizito e Marcelo na Juvenil. Os dois estão representando o CTG Sepé Tiaraju de Pato Bragado*”.²³

A representatividade dos irmãos Telles de Almeida, tanto para o CTG quanto para o município a que pertencem, é ressaltada constantemente pelo *Folha Bragadense*. A pouca idade e o talento destes adolescentes demonstraria o sucesso de uma proposta educativa levada a cabo pelo CTG. Nota-se, então, que tanto o CTG quanto o poder público, apoiados pelo jornal local, incentivaram a participação ou integração de crianças e adolescentes, sob um ponto de vista educativo ou pedagógico, dando destaque para crianças e adolescentes premiados em eventos tradicionalistas fora da cidade, como o coroamento de tais práticas educativas. As crianças e adolescentes seriam os responsáveis por dar “continuidade” às tradições gaúchas, por intermédio da dança, mantendo assim a chama do tradicionalismo gaúcho acesa, cultivando-a a cada passo, a cada ensaio, a cada participação em eventos. A imprensa e o poder público ressaltam tal fato como algo significativo e de suma importância não somente para o CTG, como para a “continuidade” das tradições gaúchas em Pato Bragado.



Notas

* Graduada em História pela Unioeste.

¹ Este artigo é baseado no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Marechal Cândido Rondon, intitulado “A tradição continua viva no coração de cada gaúcho”: Centro de Tradições Sepé Tiaraju Pato Bragado (2000-2004), orientado pela professora Dra. Méri Frotscher Kramer e apresentado no ano de 2004. O TCC teve como objetivo central identificar como o tradicionalismo gaúcho esteve presente em Pato Bragado entre 2000-2004, através do CTG Sepé Tiaraju, visando perceber como este é cultivado na referida entidade e como ele ultrapassa aquele espaço, difundindo-se pelo município. Para isto, várias foram as preocupações de análise, como as relações entre o CTG e as demais atividades culturais incentivadas no município (Concurso Nacional do Cupim Assado e Oktoberfest), como o CTG é encarado em Pato Bragado (alguns integrantes e ex-integrantes), visando perceber como a participação de seus componentes repercute na sociedade bragadense, através da ampla divulgação pela imprensa e pela prefeitura municipal. Foi objeto de análise, ainda, investigar o ideal de “gaúcho paranaense”, destacado pelo MTG-PR, em meio ao Festival Paranaense de Arte e Tradição – FEPART - dentre outros aspectos.

² Os Centros de Tradição Gaúcha ao serem considerados enquanto ambientes voltados a “atividades campeiras” tem sua organização inspirada nas estâncias (grosso modo, fazendas destinada à criação de gado), ou seja, nomenclaturas como diretoria, conselhos ou departamentos daquela entidade recebem denominações campeiras. Por exemplo, os departamentos dos CTGs compreendem as invernadas (grandes extensões de terra cercadas que existem nas estâncias e que são destinadas à engorda do gado). No caso, são mencionadas pela Legislação Tradicionalista do Movimento Tradicionalista do Paraná (MTG-PR) as Invernadas Artística, Cultural e Campeira. Destas a Invernada Artística compreenderia as apresentações artísticas compostas pela dança, declamação e trova, música etc. A Cultural destinada à promoção do nível cultural e intelectual do folclore tradicionalista na eleição das prendas e peões birivas e a Campeira destinada à lida campeira realizada com animais. Cf. NUNES, Zeno C. & NUNES, Rui C. Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996 p. 175 e 247. OLIVEN, Ruben G. “Em busca do tempo perdido: O Movimento Tradicionalista Gaúcho”. In: OLIVEN, Ruben G. A parte e o todo: A diversidade do Brasil-Nação. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 88. Legislação Tradicionalista do MTG-PR, Realeza, 2003.

³ Entrevista com Elpidio Dall Agnol. Concedida na cidade de Marechal Cândido Rondon, em 23/06/2004.

⁴ Elpidio Dall Agnol. Entrevista citada.

⁵ Entrevista com Luiz Grando. Concedida na cidade de Pato Bragado, em 20/08/2004.

⁶ Trajado com vestimenta típica do gaúcho. In: NUNES, Zeno C. & NUNES, Rui C. op. cit. p. 374. De acordo com a Legislação Tradicionalista do MTG-PR, a “indumentária correta” a ser utilizada corresponde àquela constante no “manual das pilchas gaúchas” aprovada pelo MTG-PR que segue a regulamentação adotada pela Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha (CBTG) e pelo Movimento Tradicionalista do Rio Grande do Sul (MTG-RS). In: Legislação Tradicionalista do MTG-PR, Realeza, 2003, p. 116.

⁷ Além desta, existem a mirim, até 12 anos e a adulta, acima de 17 anos.

⁸ Entrevista com Eduardo Henrique Wolff. Concedida na cidade de Pato Bragado, em 27/07/2004.

⁹ Eduardo Henrique Wolff. Entrevista citada.

¹⁰ Eduardo Henrique Wolff. Entrevista citada.

¹¹ Entrevista com Márcia C. Hosda. Concedida na cidade de Pato Bragado, em 20/08/2004.

¹² PORTELLI, Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral”. In: Projeto História. São Paulo, abril 1997. p.16.

¹³ O Presente. Marechal Cândido Rondon. Ano 11, nº 1100, 16 de setembro de 2003 p. 19.

¹⁴ Grosso modo, a Semana Farroupilha realizada pelos CTGs gira em torno do dia 20 de setembro, data de deflagração da Revolução Farroupilha (1835-1845), em que comemora-se o dia do gaúcho. Tal semana visa relembrar os feitos dos gaúchos no “decênio heróico”, mas compreende também apresentações artísticas e culturais entre outras atividades. Cf. www.mtm.org.br consultado em 02/09/2004.

¹⁵ Idem.

¹⁶ 12º FEPART – Festival Paranaense de Arte e Tradição Gaúcha. Pato Branco, 03, 04 e 05 de agosto de 2001. 13º FEPART – Festival Paranaense de Arte e Tradição Gaúcha. Pato Bragado, 09, 10 e 11 de agosto de 2002.

¹⁷ 14º FEPART - Festival Paranaense de Arte e Tradição Gaúcha. Planalto, 14, 15 e 16 de novembro de 2003. Cadernos de divulgação do evento.

¹⁸ Folha Bragadense. Pato Bragado. Ano VII, nº 74. Agosto de 2003. p. 13.

¹⁹ MACIEL, Maria E. “Tradição e Tradicionalismo no Rio grande do Sul”. In: HUMANAS: Descobrimientos e Violências. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, vol. 22, nº 1/2, 1999. p. 131

²⁰ Folha Bragadense. Pato Bragado. Ano V, nº 41, julho/agosto 2000. capa

²¹ Idem.

²² Folha Bragadense. Pato Bragado. Ano VII, nº 74. Agosto de 2003. p. 13.

²³ Designação presente em cartaz de divulgação para shows e demais apresentações em eventos dos irmãos Marcelo e José Eduardo Telles de Almeida. De acordo com o Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul, a chula é uma “dança masculina, constante de sapateados e evoluções em torno de uma lança largada no chão”, p.118. Segundo o MTG “a chula era o símbolo másculo, retratando a força e a agilidade do peão em clima de disputas”. Cf. www.mtg.org.br acessado em 10/09/2003.